

TIMOR-LESTE: A RECONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO

East Timor: Reconstructing a Nation

Fabiano Luis Bueno Lopes*

SILVA, Kelly Cristiane; SIMÃO, Daniel Schroeter. *Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialéctica da formação do Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

Publicado recentemente, o livro *Timor-Leste por trás do palco: cooperação internacional e a dialéctica da formação do Estado* é resultado de uma coletânea de textos produzidos por autores com as mais diversas formações e experiências na área de cooperação internacional, surgindo a obra como produto do seminário internacional Cooperação Internacional e a Construção do Estado em Timor-Leste. Um fio condutor para o livro parece ser a presença de uma crítica às práticas da cooperação como instrumento de poder e de suas relações com as conjunturas históricas de poderes e culturas locais preestabelecidas, bem como os problemas decorrentes da atuação de diversas organizações na região.

Os autores organizadores possuem formação na área de Antropologia e realizaram para a execução da obra uma intensa pesquisa de campo em Timor-Leste. Algumas questões principais são lançadas ao longo da obra e, na tentativa de respondê-las, os textos trazem à tona as inúmeras facetas e os problemas derivados do campo da cooperação internacional e de sua atuação na reconstrução de um Estado.

Um dos objetivos facilmente identificáveis é o de que o caso da atuação dos organismos internacionais no Timor-Leste, visto por algum tempo como exemplo fantástico de como uma cooperação internacional deve atuar, se transforma – a partir de uma crise militar – em um modelo de Estado fracassado. Essa é a ideia que a obra tenta refutar. Nenhum dos extremos deve ser tido como verdadeiro. Não se trata de um exemplo de

* Doutorando UFPR.

perfeição, mas também não se trata de um modelo totalmente equivocado e implodido com tal crise. Os problemas, segundo alguns dos textos, são provenientes de dificuldades que estão presentes em qualquer outro tipo de atuação internacional e os fatos ocorridos não depõem contra toda uma construção positiva decorrente dos projetos empreendidos pelas organizações atuantes. Ao identificar os problemas, o livro aborda questões fundamentais para compreensão dos erros e acertos e, por que não dizer, para correção e elaboração de novos projetos nas áreas de relações internacionais, política interna e externa, atuações militares – sobretudo da Força de Paz, com intensa participação brasileira – e projetos culturais na reconstrução de um Estado-nação.

O livro é composto de vários artigos e dividido em três partes.

Na primeira delas, intitulada “Timor-Leste: passado, presente e futuro”, procurou-se uma análise do período que vai do início da ocupação colonial portuguesa até o acirramento da crise no país, passando por diferentes momentos ao longo período e principalmente pelos problemas causados pela exploração, pelas tentativas de descolonização, culminando com a crise militar e com a sua solução por intermédio da intervenção internacional.

Os portugueses estiveram presentes desde as conquistas do século XVI, de modo que na reconstrução do país, tema principal do livro, torna-se imprescindível o papel da presença do passado colonial português, pois são inúmeros e importantes os laços estabelecidos entre a cultura portuguesa – bem como as influências intercontinentais inerentes a ela – e as populações locais.

Em 1975, a Indonésia anexou o Timor-Leste ao seu território. Como resistência, houve a formação de guerrilhas armadas e redes clandestinas de combate ao invasor, além da resistência diplomática formada por exilados na Austrália, Moçambique e Portugal. Em 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) propõe uma espécie de consulta popular para definir a anexação. Com resultado contrário, dá-se uma retirada imbuída de massacres e da destruição de grande parte da estrutura física do país.

Em busca de uma solução, a ONU interveio através da UNTAET (United Nations Transitional Administration in East Timor) que, traduzido, seria Administração Transitória das Nações Unidas no Timor-Leste, que incluía uma administração civil juntamente com uma força de paz, na tentativa de reconstrução e instauração de um governo autônomo. Além da

ONU, outras organizações internacionais passaram a auxiliar neste processo, como, por exemplo, Banco Mundial, Banco de Desenvolvimento Asiático, Missões religiosas, ONGs etc.

O segundo capítulo, sob o título “Timor-Leste e a cooperação internacional. Economia, política e administração pública”, é composto de artigos que remetem aos problemas da interferência externa nas questões econômicas e políticas do país, explicitando aspectos positivos e negativos de tal cooperação. São levantadas nesta parte questões como o papel das instituições monetárias e bancárias, do papel da jurisdição e outros campos da administração pública, além do modo como são tratadas a educação e a cultura na reconstrução do país.

A interferência internacional no campo econômico, político e, sobretudo, quando procura estabelecer um processo eleitoral, torna seu papel delicado. Uma das autoras (organizadora) do livro, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, afirmou que Portugal apoava determinado candidato, ligado à FRETILIN, às eleições, enquanto os interesses australianos estavam destinados a outros candidatos.

Tal afirmação gerou tal desconforto em Portugal, havendo necessidade de se publicar uma carta em resposta às afirmações da pesquisadora:

Li, com interesse, a entrevista hoje (10 de abril) concedida à “Folha de S. Paulo” pela Professora Kelly Silva, da UnB, a propósito do processo eleitoral em Timor-Leste. Sem querer retirar legitimidade à livre interpretação desenvolvida nesse texto sobre o posicionamento e motivações das diferentes forças em confronto, não posso deixar de discordar sobre a alusão que nela é feita ao papel de Portugal nesse contexto, e que o título escolhido sublinhou. O meu país tem demonstrado, ao longo de décadas, um empenhamento inquestionável, e unanimemente reconhecido, em favor do reforço das instituições democráticas timorenses. Isso pressupõe o natural respeito por quaisquer resultados que decorram do respectivo funcionamento. Procurar ligar a posição oficial portuguesa a qualquer facção política em Timor-Leste configura um processo de intenções que, em absoluto, rejeitamos, por não ter apoio em quaisquer factos concretos. Embaixador Francisco Seixas da Costa¹.

1 Carta enviada ao jornal *Folha de São Paulo* e publicada também no site: http://timor-online.blogspot.com/2007_04_13_archive.html Acesso: 22 nov. 2007.

As acusações não incluíam apenas Portugal, pois na mesma entrevista se afirmou que havia claros interesses da Austrália em manter a fragilidade política no Timor para facilitar a exploração de petróleo, bem como manter-se em uma posição estrategicamente favorável do ponto de vista militar. Não vem ao caso tomar uma posição em defesa de um dos lados. Porém, o que se resume é que o envolvimento da comunidade internacional nas questões referentes ao país nem sempre são desvinculados de interesses econômicos e políticos. Daí a importância de uma regulação e verificação de um órgão superior quando se trata do problema da cooperação internacional.

Na terceira e ultima parte, intitulada “Construção do Estado”, são levantadas questões ideológicas relativas ao papel dos órgãos internacionais na reestruturação dos poderes e autoridades, finalizando a publicação com discussões sobre a eficácia da cooperação concedida e as dificuldades enfrentadas pela comunidade internacional.

Apesar de ser uma coletânea com vários artigos, o livro parece defender uma tese: a experiência no Timor-Leste não pode ser vista como um exemplo de extrema eficiência e eficácia, como foi divulgado e se sustentou por algum tempo, mas também não se trata de um total fracasso na formação do Estado através da cooperação internacional, como passou a ser visto após a crise militar. Trata-se, segundo os autores, de uma iniciativa com erros e acertos, com sucessos e insucessos, que devem ser analisados num contexto problemático que apresenta mudanças durante o processo de reconstrução do país. Outro ponto levantado está no fato de o país ter grande diversidade cultural e conjunturas históricas específicas, o que torna o papel da cooperação internacional complexo e desafiador.

O livro aponta não apenas nesta parte, mas em sua totalidade, para pontos positivos e negativos da cooperação internacional. Uma das críticas está no conflito idiomático que se instalou no sistema judiciário do país. O anglo-saxão usado pela cooperação internacional passou a ter que conviver com o português e com o indonésio, além das dezenas de dialetos locais.

A cooperação internacional é vista como um instrumento político que interfere no destino político do país. Deve, portanto, ser analisada criticamente, pois, ao invés de resolver problemas, corre o risco de gerar alguns maiores que os existentes, aumentando as injustiças, privilegiando grupos específicos em detrimento de outros. Ao se analisar criticamente o papel de tal cooperação, não só em Timor-Leste, mas em outros países, torna-se

importante analisar em que medida ela ocorre de modo desinteressado e realmente comprometido com a reconstrução do país, ou seja, que aspectos a tornam um problema em certos campos de atuação.

Recebido em 05/05/2009.
Aprovado em 18/07/2010.